

_____, 2020. Londrina, 05 de outubro.

Nome: _____ Turma: _6ºano_

Área do conhecimento: Música

/ Professor(a): Paloma

MINHOCAS MENTAIS, MÚSICAS QUE COLAM E MELODIAS QUE NÃO SAEM DA CABEÇA

Musicophilia – Sacks, Oliver, 2007

Minhocas mentais, músicas que colam e melodias que não saem da cabeça

*Música fica tocando na minha cabeça**de novo e de novo e de novo**... Não tem fim...**- Carole King*

Às vezes, imagens musicais normais cruzam o limite e se tornam, por assim dizer, patológicas, como quando certos fragmentos de música se repetem incessantemente, às vezes de modo enlouquecedor, por dias a fio. Essas repetições, geralmente frases bem definidas e curtas, conseguem continuar por horas ou dias, circulando na mente, antes de esmaecer. Essa repetição interminável e o fato de a música em questão ser irrelevante ou trivial, não do seu agrado, às vezes que você até odeia, sugerem um processo coercivo, em que a música entrou e subverteu uma parte do cérebro, forçando-o a funcionar repetitiva e autonomamente (como pode acontecer com um tique ou uma convulsão).

Muitas pessoas são ativadas pela música tema de um filme ou um programa de tv ou um comercial. Isso não é coincidência, pois esse tipo de música é projetada, em termos de indústria musical, para “fisgar” o ouvinte, para “colar”, para ser “grudenta”, para abrir seu caminho, como um inseto, dentro do ouvido ou da mente; daí o termo “minhocas no ouvido” – embora possamos estar inclinados a chamar de minhocas mentais.

Um amigo meu, Nick Younes, descreveu para mim como ele ficou grudado na música “Love and Marriage” (...). Ouvir essa música apenas uma vez – uma versão de Frank Sinatra usada como a música tema para a série Married... with Children (Um Amor de Família) era o suficiente para fisgar Nick. Ele “ficava preso dentro do ritmo da música” ela rodava em sua cabeça quase o tempo todo por dez dias. Com a incessante repetição, ela logo perdia seu charme, sua cadência, sua musicalidade e seu significado. Ela interferia com seus estudos, seu pensamento, sua paz de espírito, seu sono. Ele tentava fazê-la parar de inúmeras maneiras, mas sem conseguir: “Eu pulava pra cima e pra baixo. Eu contava até cem. Eu jogava água no rosto. Eu tentava falar comigo em voz alta, tampando os ouvidos.” Finalmente ela esvanecia – mas enquanto ele me contava essa história, ela voltou a assombrá-lo de novo por muitas horas.

O que está acontecendo, psicológica e neurologicamente, quando uma melodia ou um ritmo se apossam de alguém dessa forma? Quais são as características que tornam uma música ou melodia

“perigosa” ou “infeciosa” dessa maneira? Será alguma singularidade do som, ou timbre, ou a melodia? Ou será a sua repetição? Ou será que é porque ela desperta ressonâncias ou associações emocionais?

(...) Parece não fazer diferença se as músicas grudentas têm letra ou não – os temas sem letra de Missão Impossível ou a Quinta de Beethoven podem ser tão irresistíveis quanto um jingle de propaganda.

(...) Pode ser que haja um continuum aqui entre o patológico e o normal, pois embora as minhocas mentais surjam repentinamente, completamente, tomando posse totalmente e instantaneamente da pessoa, eles podem também se desenvolver por um tipo de contração de uma imagem mental anterior. Ultimamente eu tenho eu tenho apreciado replays mentais da Terça de Beethoven e do Quarto Concerto para Piano (...). Esses “replays” costumam durar dez ou quinze minutos e consistem de movimentos inteiros. Eles vêm, sem ser convidados mas sempre bem-vindos, duas ou três vezes por dia. Mas em uma noite tensa e insone, eles mudam o caráter, de forma que eu ouço apenas um rápido trecho do piano, (...) que dura dez ou quinze segundos e se repete centenas de vezes. É como se a música fosse aprisionada numa espécie de ciclo, um circuito neural justo do qual ela não consegue escapar. Ao amanhecer, misericordiosamente, o ciclo cessa, e eu consigo apreciar o movimento inteiro novamente.

(...) É possível que as minhocas mentais sejam, até certo ponto, um fenômeno moderno? (...) Quando Mark Twain estava escrevendo, nos anos 1870, havia muita música para ser ouvida, mas ela não era ubíqua. Era necessário ir até lugares e pessoas para ouvir (e participar) música cantada – em igrejas, reuniões de família, festas. Para ouvir um instrumento, a menos que a pessoa tivesse um piano ou outro instrumento em casa, ela teria que ir à igreja ou a um concerto. Com a música gravada, transmissões e filmes, tudo isso mudou radicalmente. De repente, a música estava em todos os lugares (...)

Metade de nós estão plugados em iPods, imersos o dia todo nos concertos de nossas próprias escolhas, virtualmente desatentos ao ambiente – e para aqueles que não estão plugados, existe música ininterrupta, inevitável e com frequência de volume ensurdecedor, em restaurantes, bares, lojas, academias. Essa enxurrada de música coloca uma certa pressão em nosso sofisticadamente sensível sistemas auditivos, que não pode ser sobrecarregado sem terríveis consequências. Uma das consequências é o aumento na ocorrência de perda auditiva, mesmo entre jovens, e particularmente entre músicos. Outra é a onipresença das (...) não convidadas minhocas mentais (...) que chegam e vão embora quando querem.

Responda:

1) Você costuma experimentar o fenômeno de minhocas mentais, ou, ficar com músicas ou fragmentos delas girando em sua cabeça?

2) Explique, o mais detalhadamente possível.

3) Você se ouve música com frequência?

4) Em que volume?

5) Usa fones?

6) Você se preocupa com as consequências a longo prazo do uso frequente de fones e volume alto?